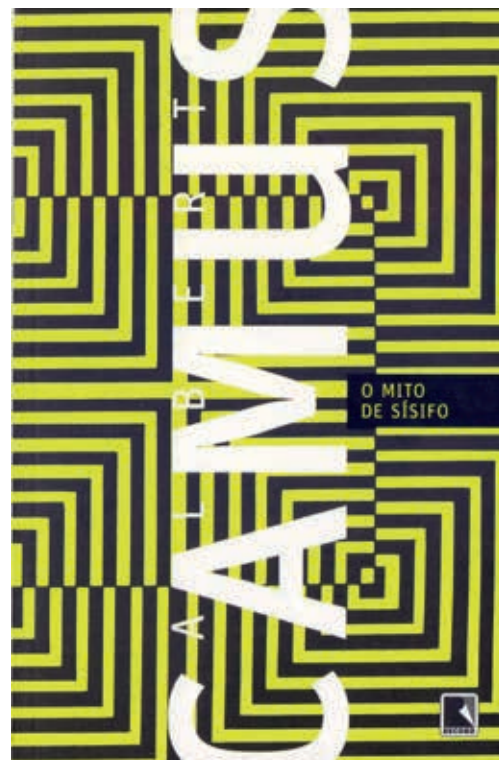


O Mito de Sísifo

Albert Camus

DOI:10.12957/ek.2018.36690



por Peter Franco Souza

Doutorando em filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro

peterfranco@hotmail.com

CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2010. 8 ed.

Introdução

É com esta epígrafe que Albert Camus abre seu *O Mito de Sísifo*: “Oh, minh’alma, não aspira à vida imortal, mas esgota o campo do possível.” Trata-se de uma citação de uma ode de Píndaro, e é a partir de tal frase que podemos ter noção do que será o texto tanto em seu conteúdo, quanto em suas referências e quem são os que Camus chama ao diálogo. A declaração de *esgotamento do possível* conversa com aquilo que em seu tempo se chamará de *absurdo*: a não-transcendência, a paixão pelo acaso, o real e o fato, muito caracterizados pela presença constante do sol em seus livros, como comenta Sartre:

O Estrangeiro nos oferece uma sucessão de perspectivas luminosas. [...] Manhãs, tardes implacáveis, claros crepúsculos, eis as suas horas favoritas; o perpétuo verão de Argel, eis sua estação. A noite quase não tem espaço em seu universo.¹

O ensaio de Camus se dedica ao tema do *absurdo* – publicado em 1942 logo após e na mesma senda de seu *O Estrangeiro*, escrito como parte do contexto de toda a primeira fase do autor, também composto por *Calígula* e *O Malentendido* – nele aparecem os temas *do suicídio, da liberdade, do sentido*; foi escrito no período da Segunda Guerra, quando outros pensadores também publicaram obras de profundos questionamentos sobre *a morte, o valor da vida* e, principalmente, a *possibilidade de ação e transformação que as ideias podiam promover no mundo*. Dentro deste contexto foi que se desenvolveu o *existencialismo*, ou *filosofias da existência*, movimento no qual se insere, de alguma forma, a obra do autor de *O Mito de Sísifo*, apesar de escapar deste grupo. Essa busca por sentido não era completamente nova e nem tinha se dado somente no ambiente das guerras, era também o esvaziamento de um horizonte de sentido que havia desaparecido, podemos chamá-lo, de forma resumida, de *horizonte Deus*.² Como boa parte dos pensadores existencialistas, Camus escreve e descreve seu pensamento *absurdo* em romances, contos, poemas, ensaios, além das peças teatrais, explorando em personagens e situações a profundidade dos conceitos filosóficos, traçando uma relação entre pensamento e prática.

¹ Sartre, J-P. *Situações I*, p.126.

² Ver Nietzsche em *A Gaia Ciência*, af. 125.

Razão absurda

Uma das grandes preocupações no texto do pensador argelino trata de saber e pesquisar quais são os limites da razão; tanto no viés filosófico como no histórico a razão é analisada sob um ponto de vista crítico no tocante à sua realização e materialidade. É hora de reavaliar o peso das ideias e perceber como as questões metafísicas influenciam o campo ético.

Um raciocínio absurdo é o título da primeira parte da obra e Sísifo³ é a imagem escolhida por Camus para falar desse esgotamento do campo do possível, um herói pleno de excessos, vaidades, luxúrias, enganos, em suma, um mito humano. Sísifo esgota suas possibilidades testando-as; ele experimenta, *ensaia*. A partir desta imagem Camus fala dos extremos do seu próprio tempo, Sísifo foi condenado a rolar a pedra para cima por toda a eternidade. Trabalho, tempo de vida, esforço e recompensa, acúmulo de riqueza, valores, todas estas coisas se associam na análise do livro perguntando pelos problemas éticos e morais fazendo-os chegar aos metafísicos.

Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro.⁴

Sísifo não está num passado distante, ele é cada um de nós e a mitologia não é senão imagem da própria humanidade. Escrito numa linguagem ensaística e ao mesmo tempo mitológica⁵, com aspectos jornalísticos e fenomenológicos⁶,

3 Neste texto, como em toda sua obra, Camus expressa sempre por meio de personagens aquilo que também pode ser considerado um conceito filosófico, uma espécie de conceito vivo, marcado por muitas contradições a fim de confundir o ser e o movimento, trata-se de dar personalidade aos conceitos: Mersault em *O Estrangeiro*, Janine em *A Mulher Adúltera* (*O exílio e o reino*), Bernard Rieux, em *A Peste* etc.

4 MS, p. 27.

5 “Pois saudar e cumprimentar um vencedor agonístico, contar evocar uma história e bem formular uma sentença conhecida são modalidades do que em geral se diz *mythos*, forma nominal de *mythestai* = dizer, falar. A antiga poética grega, precisamente através de seus gêneros, assim denominados enquanto formações genéticas, foi uma grande arte de administrar o assim dito”. Pítica 3, p. 195.

6 *Descrever, eis a suprema intenção de um pensamento absurdo*, (*O Mito de Sísifo*, p. 110).

“analítico e humorístico”⁷, Camus escreve um livro no qual *ensaia, experimenta* as possibilidades de repensar a relação entre *pensamento, criação e vida*⁸. O seu deslocamento para o mito e todo o seu universo de imagens, situações e personagens é também a busca por uma linguagem que atenda às novas demandas sociais e às massas da população; por uma linguagem irônica; e, por fim, uma linguagem imagética, como afirma Camus em seu diário num escrito de janeiro de 1936: “Só se pensa por imagens, se você quiser ser filósofo, escreva romances”⁹ e prossegue n’*O Mito*:

...a opção que fizeram [os grandes romancistas] de escrever com imagens mais que com raciocínios revela um certo pensamento que lhes é comum, persuadido da inutilidade de todo princípio de explicação e convencido da mensagem instrutiva da aparência sensível.¹⁰

É nesta primeira parte onde serão colocadas as questões principais. É a partir do suicídio que o pensador avalia o sentido e o valor da vida tendo como medida a atitude final, a derradeira decisão, “um filósofo para ser estimado deve pregar com seu exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, porque ela vai anteceder o gesto definitivo”¹¹. O suicídio não é tratado como uma questão sociológica¹², apesar de passar por ela, tampouco se trata de esquecer os aspectos sociais – Camus recorre à rua, à cidade e às relações a todo o momento mostrando como tudo pode explodir de exaustão – se trata de perguntar 1. Por que esta nunca se tornou elaboração na pergunta dos filósofos? e 2. O que há de filosófico no suicídio? À primeira pergunta pode-se acrescentar que o escritor de *O Mito de Sísifo* acaba por reconhecer que a questão foi tratada, porém não explicitamente – e por que faltam perguntas explícitas? *O Mito* é um livro metafísico-urbano, o escritor encontra o absurdo repousando sobre as mais simples e cotidianas ações; é seguindo esta senda da exaustão, do esvaziamento de sentido, das guerras, que o pensador abre seu livro apresentando a questão do valor da vida por via do argumento do suicídio:

7 Sartre, J-P. *Situações I*, p. 128.

8 *A criação sem amanhã*, em *O Mito de Sísifo* é um capítulo que trata exclusivamente sobre o assunto.

9 *A esperança do mundo*, p. 18.

10 OMS, p. 116.

11 Idem, p. 17.

12 Idem, p. 18.

Só há um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. [...] Se eu me pergunto por que julgo que tal questão é mais premente que tal outra, respondo que é pelas ações a que ela se compromete.¹³

Qual é a razão que explica o sem-sentido do existir? Este sem-sentido é aquilo que Camus, dentre outros pensadores existencialistas, chamam de *poder-ser*. Não se trata de um vazio, mas de possibilidade. Tais possibilidades estão presentes em nosso mundo, e é no embate com elas que esbarramos nos *muros absurdos*: as separações entre nós e nossas aspirações, os possíveis e as realizações, os sonhos e os fatos:

A absurdidade primordial manifesta antes de tudo um divórcio: o divórcio entre as aspirações do homem quanto à unidade e o dualismo insuperável do espírito e da natureza, entre o impulso do homem em direção ao eterno e o caráter finito de sua existência, entre a inquietação, que é sua própria essência, e a vaidade de seus esforços. A morte, o pluralismo irredutível das verdades e dos seres, a ininteligibilidade do real, o acaso – eis os pólos do absurdo.¹⁴

É então que Camus fala de *suicídio filosófico*. Já não se trata mais do sentido de existir, “agora parece, pelo contrário, que será [a vida] tanto melhor vivida quanto menos sentido tiver. Viver uma experiência, um destino, é aceitá-lo plenamente”¹⁵. A aceitação – e não a compreensão – plena do destino é a única *liberdade* possível dentro do campo do real e dos fatos. Abandona-se a necessidade (ainda que não completamente) do sentido para aderir à falta dele, não como vazio niilista, antes como possibilidade de *criação* de novos valores e formas de vida.

O que o pensador faz é flagrar a todo instante o que há de racional no absurdo e o que há de absurdo na racionalidade,

13 Idem, p. 17.

14 Sartre, J-P. *Situações I*, p. 118.

15 OMS, p. 65.

o destino de Édipo é anunciado de antemão. Foi decidido no sobrenatural que ele cometerá assassinato e incesto. Todo o esforço do drama consiste em mostrar o sistema lógico que, de dedução em dedução, irá consumir a desgraça do herói. O mero anúncio desse destino inusitado não é uma coisa horrível, porque é inverossímil. Mas se nos demonstrarem sua necessidade no âmbito da vida cotidiana, sociedade, Estado, emoção familiar, então o horror se consagra. Nessa revolta que sacode o homem e o faz dizer: “isto não é possível”, já está a certeza desesperada de que “isto é possível”.¹⁶

O autor de *O Estrangeiro* ironiza e brinca com todas as certezas construídas não tanto para derrubá-las, mas para que não nos esqueçamos de perguntar qual a base das nossas crenças; em todas as personagens que analisa ou constrói, há o elemento decisivo epifânico como um modo de reconhecer o mundo em que o mundo se desmonta, “pensar não é unificar... é reaprender a ver”, é notar que os cenários caem e aquilo que antes tinha tanto sentido perde-se, a realidade fica estranha. Fala de gestos definitivos, suicídio, aflições íntimas, doença incurável, numa espécie de leitura nietzschiana do corpo¹⁷, e no mesmo sentido de Nietzsche, Camus propõe por meio de uma *gaia ciência* o caminho da *criação absurda*, aquela que restabelece o sentido pela via da aceitação plena do presente.

¹⁶ Idem, p. 148.

¹⁷ Ver *Camus sob a máscara de Dioniso*, Daniel Malafaia.

Recebido em: 14.08.2018 | Aprovado em: 28.09.2018

Referência Bibliográfica

CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2010. 8 ed.

_____. O estrangeiro. Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2010. 31 ed.

_____. Esperança do mundo. Trad.: Rafael Araújo e Samara Geske. São Paulo: Hedra, 2014.

_____. Essais d'Albert Camus. Introduction par R. Quilliot, textes établis et annotés par R. Quilliot et L. Faucon. Paris: Gallimard e Calmann-Lévy, 1965.

MALAFAIA, Daniel. Camus sob a máscara de Dioniso. Editora Ilustração, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. Situações I: crítica literária. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SOUZA, José Cavalcante de. Píndaro, Pítica III. REVISTA USP, São Paulo, n.43, p. 188-201, setembro/novembro 1999.